

## A EDUCAÇÃO PELO DINHEIRO: BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR, BASE NACIONAL COMUM PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES, CONTRARREFORMA DO ENSINO MÉDIO, E NOVAS DIRETRIZES CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO PARA GEÓGRAFAS(OS)

*EDUCATION THROUGH MONEY: THE NATIONAL COMMON CURRICULUM BASE, THE NATIONAL COMMON BASE FOR TEACHER TRAINING, THE COUNTER-REFORM OF SECONDARY EDUCATION, AND NEW GUIDELINES FROM THE NATIONAL EDUCATION COUNCIL FOR GEOGRAPHERS*

 Manoel Fernandes de Sousa Neto <sup>A</sup>

<sup>A</sup> Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP, Brasil

DOI: 10.12957/tamoios.2025.89338

Correspondência para: Manoel Fernandes de Sousa Neto (manoelfernandes@usp.br)

"Amor, viola, forria nunca dinheiro.  
Viola, forria, amor, dinheiro não" (Elomar)

O empreendedorismo é uma espécie de nova alquimia social em que da ganga bruta diária do trabalho sem nenhum direito se extrai riqueza, se dignifica a alma pelo suor, se exercita o corpo sobre bicicletas que pertencem a bancos e se chega aos céus dos cases de sucesso à moda do Tio Patinhas.

A alquimia social é ensinada como parte de uma nova, transversal e mágica disciplina da química do capital - Projeto de Vida.

Agora, como já fizera Marx, redescobrem na química que todo equivalente geral de valor passa por criar conexões invisíveis, onde a vida concreta é transformada em uma massa gigantesca e informe de trabalho abstrato.

A Geografia não podia ficar de fora disso, mas também não poderia permanecer do mesmo modo que fora até o Consenso de Washington.

A aniquilação do espaço pelo tempo deve ser uma operação que não deixe rastros, não permita marcações, mas sobretudo que extinga todos aqueles e aquelas que ficavam com parte dos lucros na esfera da circulação.

A montanha de trabalho morto tem o mundo, o planeta, como caixa forte, embora o Tio Patinhas já não possa mais nadar nele com aquela segurança de outrora. Mas a circulação teve modificada as reações químicas do processo, porque em parte houve um câmbio drástico na



forma dinheiro e por outro lado se estabeleceu o dinheiro com uma fruição nunca dantes vista na história da humanidade.

É não por acaso que a Geografia tornou-se uma espécie de disciplina que deve apagar todas as impurezas frenantes, alisando o mundo para eliminar qualquer rugosidade que lhe seja contrária à combustão financeira que incendeia os hospitais em Gaza, as casas de reza dos Guaranis Kaiowá no Mato Grosso do Sul, as florestas culturais da caatinga nas terras comuns do semiárido nordestino.

Neste sentido as Diretrizes Curriculares que foram barradas por uma luta articulada da Associação dos Geógrafos Brasileiros, Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia e Associação de Geógrafos Profissionais, ainda em meados de 2022, impediram temporariamente, a criação do Curso de Tecnólogo em Geografia. O curso previa a existência de geógrafas/os formados/as em até dois anos, habilitados/os para dar pareceres técnicos e assinar Anotações de Responsabilidade Técnicas (ARTs) vinculadas à mineração, o agronegócio, a grilagem oficial e oficiosa, bem como a toda sorte de possíveis incorporações de todo patrimônio da humanidade existente em território deste nomeado País Brasil, à bolsa de valores, aos bancos, aos fundos de pensão e às grandes corporações financeiras.

Ao mesmo tempo se busca eliminar aquelas disciplinas vinculadas a qualquer crítica, como se tivéssemos, por cima e sem muito barulho, a implantação do Escola Sem Partido sendo aplicado para formar Geógrafas e Geógrafos, que agora não terão mais geografia para ensinar na absurda contrarreforma do ensino médio.

A geografia que a Fundação Lemann e suas congêneres pretende seja ensinada, é aquela que voltou sua perspectiva epistemológica para a leitura de um espaço sem história, abstrato, onde o raciocínio geográfico que é coisa bastante antiga — corológico, corográfico —, aparece como aquela promessa alquímica cantada pelo grupo musical Mestre Ambrósio e já vaticinada pelo poeta Zé Limeira de que vamos "trocar bosta por dinheiro para ver o povo enricar". Por isso querem nos fazer acreditar que pedagogias ativas, projetos como o Nós Propomos, construtivismos geográficos neoliberais que visam formar empreendedores, inovadores e adaptados são operações de ideologias geográficas fundamentais à valorização do espaço.

As operações curriculares operadas pelas corporações via Banco Mundial, Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e Estado Brasileiro (MEC, CAPES, CNPq, Secretarias Estaduais e Municipais de Educação) e Sociedades/Fundações que sempre



largam na frente como a Ayrton Senna, são todas operações que visam ludicamente jogar na bolsa com o dinheiro dos outros.

O que paira no ar e não é lá tão sólido assim, são carreiras docentes e críticas às tradições epistemológicas iluministas burguesas próprias das humanidades, das artes e das ciências vinculadas à teoria crítica. Nenhuma teoria crítica pode continuar a existir neste mundo onde todas e todos devemos ser um misto de Paracelso com Robson Crusóe e onde não há mais fins de semana para descansar, dirá Sextas-feiras.

### **COMO CITAR ESTE TRABALHO**

NETO, Manoel. A educação pelo dinheiro: Base Nacional Comum Curricular, Base Nacional Comum para Formação de Professores, contrarreforma do ensino médio, e novas Diretrizes Conselho Nacional de Educação para geógrafas(os). Revista Tamoios, São Gonçalo, v.21, n.1, p. 6-8, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/tamoios.2025.89338>. Acesso em: DD MMM. AAAA.